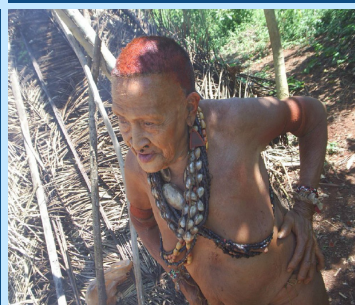
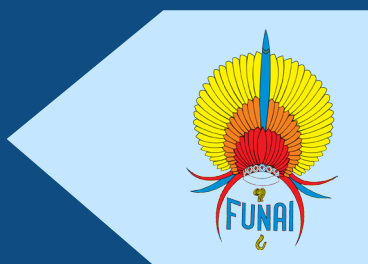


MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
DIRETORIA DE PROTEÇÃO TERRITORIAL
COORDENAÇÃO-GERAL DE ÍNDIOS ISOLADOS E DE RECENTE CONTATO



AKUNTSÚ

ORGANIZAÇÃO SOCIAL



Carolina Coelho Aragon

Frente de Proteção Etnoambiental Guaporé
Terra Indígena Rio Omerê

2017

INTRODUÇÃO

Este relatório pretende descrever as principais características de Konibú, Ururu e Pupák, buscando relatar seus principais hábitos e funções dentro do grupo, bem como as memórias de alguns dos vários momentos vividos junto aos três Akuntsú já falecidos.

Os registros são feitos a partir de diferentes observações e vivências junto aos Akuntsú desde 2004. Algumas descrições mostram o envolvimento social de cada membro e suas relações com os demais membros do grupo, bem como algumas das diferentes representações culturais que permeiam o dia a dia do povo Akuntsú.

KONIBÚ

Konibú era o cacique e o pajé do grupo Akuntsú, esposo de Aramira, pai de Enotej (Babawru) e Txaruj (Aiga), tio de Pupák e irmão da Ururu. Nasceu no rio *ikitarêj* e faleceu a T.I Rio Omerê em 2015, devido às complicações de uma hérnia. Antes do contato Konibú chamava-se "Kwatin atjo". Mudou de nome após o contato em 1995, quando foi chamado pelos índios Mekéns por esse nome, que quer dizer cobra na língua Mekéns. Konibú explicava que antes chamava-se Kwatin (cobra em Akuntsú - este nome foi devido ter sido picado por uma cobra épocas atrás), mas hoje seu nome não é mais esse. Explica que antigamente chorava muito devido às mortes e que, hoje, já refeito, não sofre como antes. A troca de nomes é algo fundamental na cultura dos Akuntsú, já que marca períodos importantes na vida deles, trocando de nomes para marcar o fim de determinados períodos vividos.

Konibú era conhecedor de muitos rituais Akuntsú, desde a cheiração de rapé e o processo de pajelança até as danças que aconteciam no tempo de lua nova. A cheiração de rapé ocorria com intensidade sempre no início da manhã e no final do dia. Cheirava rapé sozinho sentado no seu banco, posicionado no sol em frente da maloca. Retirava o rapé do seu pote, que ficava pendurado no fio de buriti amarrado nas costas, e com o dedo pegava a quantidade de rapé para aspirar - não usava inalador de rapé (diferentemente das mulheres). Durante a cheiração, conversava bastante e dizia que, nesses momentos, poderia ver seus parentes que morreram e, assim, sabia que estava tudo bem. Em tempos mais antigos, antes de sua



FUMO E CURA

perna ter sido quebrada com a queda de uma árvore, fazia movimentos de pássaros, com os braços abertos, corria pelo pátio da aldeia. Desde a minha presença junto aos Akuntsú, o que presenciei foram apenas suas mãos tremendo e balançando com intensidade após passar por forte processo de cheiração, como se entrasse em transe por alguns minutos. Konibú explica que quando cheira muito rapé, a pessoa, o pajé, vira "tjodi", uma espécie de ararinha. Quanto ao fumo, todos os Akuntsú fumam (alguns anos antes de morrer, não vi Konibú fumar) - com o cigarro, os demais puxam a fumaça e sopram no local da dor, sugando o mal de dentro do local e com a mão sugam algo do local da dor, cuspidando (com pouquíssima saliva) várias vezes no mesmo local. Em alguns momentos, usavam o mel: colocavam sua mistura (água e mel) na boca e cuspiam no processo de pajelança. Podem fazer a pajelança sem a presença da fumaça também, se for preciso.

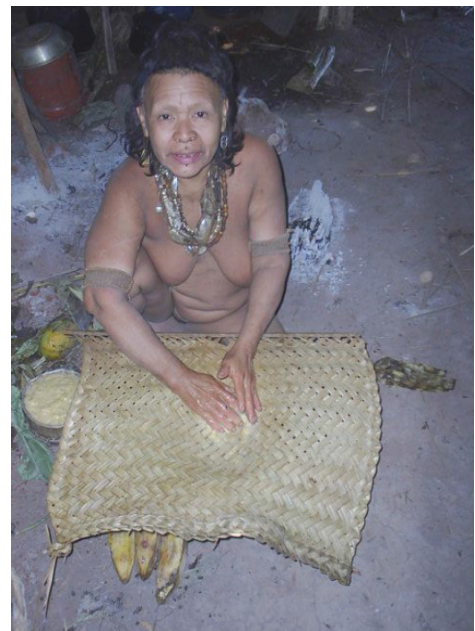


PROCESSO DE PAJELANÇA (2007)

O processo de pajelança do Konibú era diferente. Após cheirar rapé, Konibú posicionava os que queriam passar pela sua pajelança na sua frente e começava a tirar de dentro do corpo o que era ruim.

Quando tinham pessoas que gostava, as que não via há muito tempo, fazia a pajelança puxando delas algo que empurrava para dentro de seu próprio corpo, num processo de tirar o bom do outro, levando para ele uma nova energia. O quente está relacionado com a dor. Logo, se o local está quente é porque precisa da pajelança para, assim, deixar frio. Em alguns momentos, a pajelança era feita com o pica-pau. Tiravam do pica-pau a energia e colocavam nos alimentos, como milho e mandioca. A pajelança do Konibú era direcionada para o coração, os movimentos eram todos em direção ao peito.

Konibú sabia confeccionar abanadores (Ururu também fazia-os com maestria), paneiros e esteiras (que servia de coador). Confeccionava-os de forma rápida e os fazia tanto para seu próprio uso quanto para o das mulheres.



ESTEIRA (2007)

Além disso, era detentor da arte de confecção das flautas. Não só as fazia, como era o único do grupo que as tocava. Após tocar a flauta, cantava diferentes músicas, em muitas delas, costumava, às vezes, colocar o meu nome no meio como uma forma de nos divertirmos com as melodias (ver CD de canções entregues para Funai em 2009).



KONIBÚ (2004)

As danças noturnas ocorriam em diferentes momentos, como por exemplo: na época de lua nova, quando mataram duas ararinhas, ou quando Pupák apareceu cantando em frente da maloca de Konibú - o que será descrito mais adiante. Nas festas, Konibú costumava também ser a liderança. A festa acontecia da seguinte forma: começavam a dançar no início da noite em círculos. A ordem da dança era Konibú e as mulheres atrás dele e, no outro lado, Pupák. A Ururu não dançava mais, devido à idade e às dores na perna. Dançavam por longas horas, parando por alguns minutos para descansar, e, em seguida, voltavam a dançar. Isso ocorria até o amanhecer. A flauta não era usada nesta ocasião. Apenas cantavam. Todos usavam suas vestimentas de buriti e chapéu (normalmente de palha). Os homens usavam a palha de buriti nos braceletes também.

Konibú não caçava mais - estava com início de catarata. No começo, quando o conheci, saía para a mata com Pupák, mas já não conseguia flechar como antes. Antes de saírem, em alguns momentos, costumava colocar a pena de arara nos braceletes e cheiravam juntos rapé. Para ajudá-lo a enxergar, usava fel de peixe nos olhos, assim como Pupák (o líquido do saco escrotal do jacaré também era usado). Quanto à pesca, ia quase sempre pescar nos igarapés que margeavam sua maloca ou no rio Omerê.

Konibú quem organizava o período da roçada e do plantio. Delimitava a área para derrubada e o período certo para a queimada. Cada Akuntsú era responsável por roçar a parte que lhe cabia para o plantio. As mulheres também participavam destas fases, inclusive da derrubada, embora apenas a Txaruj derrubava as árvores mais grossas com machado. Aramira e Enotej apenas acompanhavam. Mas, quando era momento da roçada, todas participavam. Cada uma tinha seu espaço, isto é, o espaço que roçavam era o espaço que iriam plantar. As áreas maiores como as de milho, eram divididas para todos do grupo, plantada pelos homens. Para a derrubada, escolhiam uma árvore específica e, a partir dela, delimitavam o lugar que queriam abrir. A época da queimada, segundo Konibú, ocorre quando começam a cair os primeiros frutos de jatobá. Porém, com as mudanças climáticas dos últimos anos, isto tem provocado problemas para saber quando iniciar a queimada. A Funai ajuda sempre neste período, que começa final de junho - início de julho - e vai até, normalmente, setembro, quando finalizam o plantio. Tem sempre chicha preparada para quem roçou, é um costume reunir-se ao redor da chicha após a roçada.



DANÇA (2007)



QUEIMANDO A ROÇA (2007)



PLANTAÇÃO (2007)

Após a morte do Konibú e Pupák, a roça tem sido de inteira produção da Funai, já que as mulheres não têm participado mais do processo de roçado, apenas no plantio de alguns tubérculos.

Logo após o falecimento de Konibú, as mulheres passaram a viver na aldeia dos Kanoé. É cultural o fato dos Akuntsú mudarem de casa sempre que ocorre uma morte. Não vivem mais na que moravam antes, até porque o morto é enterrado dentro de sua maloca. O fato de morarem nas proximidades também não é bem visto. Acreditam que o espírito de quem morre pode atrair coisas ruins, como a presença da cobra e da onça. Após a morte do Konibú, as mulheres Akuntsú explicaram que precisava de um pajé para fazer a passagem de outro pajé. Daí, em julho de 2015, pajés Tuparí foram até o Omerê para fazer os rituais. Primeiro, pediram para deixar a porta da casa aberta, onde Konibú foi enterrado (os Akuntsú tem o costume de fechar a porta da casa onde o morto foi enterrado). Em seguida, sentaram em bancos próximos à casa que foi sepultado e começaram a cheiração. Cheiraram bastante.

Enquanto isso, Pupák observava tudo e cheirava rapé sozinho. No segundo dia, os Tuparí sopraram rapé dentro do nariz das mulheres e de Pupák. Depois fizeram pajelança nas mulheres e Enotej participou intensamente do processo junto com os pajés. Fizeram isso por mais um dia e depois apenas ao redor da casa. Após esse ritual, as mulheres se acalmaram, ficaram por algum tempo na aldeia dos Kanoé e, quando sua nova maloca foi construída perto da base de proteção da Funai, saíram definitivamente da aldeia Kanoé.

Nas proximidades da casa que enterraram Konibú havia algumas coisas ainda de um roça antiga, mas, até hoje, evitam passar por lá. Assim que cheguei ao Omerê, alguns meses depois da morte do Konibú, elas foram comigo mostrar o lugar onde tinham enterrado o Konibú. Abriam a porta da casa e mostraram um lugar onde tinha um restante de cinzas - acendem uma fogueira em cima do túmulo por alguns dias - e lá estava o local que Konibú tinha sido enterrado. Porém, antes de abrir a porta, fizeram uma pajelança soprando para longe o que sugava de dentro da casa. Enquanto estavam próximas deste local, falavam sempre baixo - já que o espírito ainda dormia dentro da maloca (mais sobre sepultamento adiante).



URURU (2004)

URURU

Ururu era a mulher mais velha do grupo Akuntsú, irmã mais velha de Konibú e tia dos demais membros. Seu nome quer dizer "algodão". Quando mais nova chamava-se Batje.

Após o nascimento da sua filha, a qual nomeou de Batje, passou a se chamar Ururu. Antigamente, Ururu era casada com Ipuanã, porém, depois que esse se foi, o marido de sua irmã Kwakwá, pegou-a para esposa. Ururu teve três filhos: Ebatjurepia, Batje e Apará Batju.



FIANDO O ALGODÃO (2006)



PANELAS DE BARRO (2007)



CÍRCULOS DE TINTA DE JENIPAPO (2007)

Era conhecedora da produção de diferentes artefatos e remédios. Na época em que Konibú foi picado por cobra, ela quem providenciou e preparou o remédio - Aramira também sabe como prepará-lo.

Além de saber preparar diferentes remédios, Ururu era a única que possuía o dom de fiar o algodão. Era ela quem fiava e preparava o algodão usado pelos membros do grupo.

Também fazia as demais atividades femininas, como, por exemplo, preparar a tinta do urucum e a chicha. A Ururu era a única do grupo que possuía várias panelas de barro.

Nos momentos de dores, Ururu pintava suas pernas e braços com pequenos círculos feitos com a tinta do jenipapo.

Reclamava muito de dores nas pernas e, como não tinha mais dentes, pilava as carnes e alimentos mais duros. Os Akuntsú acreditam que as máquinas de filmar e de fotografar curam. Talvez isto esteja relacionado com a época do contato, quando pegaram uma gripe fortíssima e associaram sua cura com a presença destes equipamentos no local. Fato é que Ururu tinha adoração pelas máquinas fotográficas, muitas vezes, pegando a minha e escondendo dentro de seu marico para, assim, ter a máquina com ela o tempo inteiro. Na usência de Konibú, Pupák fazia pajelança na Ururu com o cigarro, assim como as outras mulheres também o faziam.

Ururu, assim como os outros Akuntsú, tinha um excelente humor. Ela criava, como as outras mulheres, diferentes bichos de estimação. Teve uma época que tinha um mutum que a acompanhava em todos os lugares. Certo dia, cheguei à aldeia e não vi mais o mutum e, no mesmo dia, tinham carne de mutum no moquéim deles. Coincidência ou não, explicaram que o mutum sumiu, pois a onça o comeu.



MUTUM (2006)



COLARES E ADORNOS (2006)

Ururu gostava de usar bastante colares, brincos e possuía paus na comissura do lábio superior e inferior, bem como no nariz. Usava os colares cruzados no peito. Fazia uso das vestimentas de tucum, porém quase não colocava a das costas, preferindo apenas a frontal, tampando sempre o órgão genital. Usava o trançado de algodão nas pernas e nos braços. Em uma das pernas, às vezes, era vista com dois trançados.

Ela caminhava sempre com a ajuda de um pau que servia de moleta. Mas, mesmo assim, ainda roçava e fazia as atividades rotineiras, como pegar água no rio e carregar lenha. Quando saíam de sua aldeia e iam para a base da Funai, há uns quarenta minutos de caminhada (na época), ela era a última a chegar, já que passava pelos morros com dificuldade, muitas vezes descia sentada. Sempre levava e trazia seu marico cheio com seus pertences: redes, comidas, pássaros de estimação, dentre outros.

Com o passar dos anos, a saúde da Ururu não era mais a mesma, e, assim, em 2009, faleceu de causa natural. Antes de morrer, parou totalmente de comer e ficava horas sentada em frente do rio próximo à base. Após seu falecimento, Pupák queimou todos os seus pertences e os enterrou dentro da maloca que tinha em frente da base, já que naquele período estavam todos vivendo nas malocas construídas próximas à base - enquanto as deles, do outro lado do rio, não ficavam prontas. Ficou durante um tempo acendendo uma pequena fogueira sob seu túmulo. Quanto ao sepultamento, o morto é colocado na cova em posição fetal, revestem a cova com folha da pacova, bem como a colocam sobre o corpo. Como mencionado anteriormente, é comum acenderem uma pequena fogueira sob o túmulo, que segundo explicam, ela tem a função de esquentar o morto. Ele não pode ficar frio, pois, por certo tempo, segundo mencionam, o morto apenas dorme. O membro mais próximo do morto é quem tem que acender a fogueira. Fazem isso apenas com gente, pois quando morrem seus animais de estimação, costumam enterrá-lo e colocar pedras em cima.



FOTO: PUPÁK (2004)

PUPÁK

Pupák, "mão branca", era o homem mais novo do grupo, sobrinho de Konibú e Ururu e irmão mais novo da Aramira. Antigamente, Pupák era casado e tinha dois filhos pequenos.

Quando os conheci, morava na maloca com Ururu e, depois de seu falecimento, passou a morar sozinho. Sua maloca era sempre construída mais ao fundo da maloca do Konibú, sendo a do Konibú a primeira a ser vista logo quando se entrava na aldeia. Após a morte de Konibú, a maloca de Pupák passou a ser a primeira e a das mulheres mais ao fundo.

Pupák gostava de confeccionar suas flechas, seus próprios colares e também era quem fazia suas redes. Após a morte da Ururu, passou a preparar sua própria comida e quando não as sabia preparar, como a chicha, as mulheres dividiam com ele.

Pescava e caçava para ele e para as mulheres. Tudo que pegava nas roças mais distantes ou na mata, dividia com as mulheres, como banana, mamão. Trazia, quando encontrava, coró para alimentar os bichos de estimação das mulheres. Não as acompanhava na mata. Elas iam sozinhas, sem sua companhia. Na época em que Konibú era vivo, quando ele e as mulheres iam passar o dia na mata, combinavam de se encontrar em algum ponto, mas nunca saíam juntos.



REDE (2007)

Certo dia, quando eu acampava na aldeia dos Akuntsú, no início da madrugada Pupák chegou em frente da maloca do Konibú cantando e, de dentro da maloca, Konibú respondia também cantando. As mulheres repetiam a melodia da música em tom baixo. Em seguida, Pupák começou a dançar e Konibú abriu a porta da maloca para Pupák entrar. Por volta das cinco horas, todos saíram da maloca e juntos dançaram, em círculos, até o nascer do sol. No final, começaram a dançar apenas para frente e para trás e com o arco simularam que estavam atirando uma flecha imaginária, quando apenas os homens soltaram um forte grito.

Ainda nessa época, Pupák era quem mais aparecia na base. Sempre atento a tudo e a todos. Na volta, costumava reportar os fatos que via para todos na aldeia. Em 2006, foi visto pintado com tinta de jenipapo.



PUPÁK (2006)

Depois deste ano, nunca mais o vi assim. Konibú ainda foi visto com tinta de jenipapo logo após o contato, mas deixou a prática de lado. Explicam que após a morte da Ururu, quem fazia e preparava as tintas, não praticaram mais essa arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório não pretendeu descrever todos os momentos vividos junto à essas três pessoas que foram tão importantes para as relações sociais e culturais do grupo Akuntsú, mas, sim, iniciar uma primeira descrição de seus papéis sociais como integrantes do povo Akuntsú, bem como suas relações com os artefatos e atividades socioculturais desempenhadas por Konibú, Pupák e Ururu.

